



A autoimagem de Alice: Infância, Deficiência Intelectual e Mediação na Perspectiva da Teoria Histórico-Cultural

Alice's Self-Image: Childhood, Intellectual Disability, and Mediation from the Perspective of Historical-Cultural Theory

La autoimagen de Alice: infancia, discapacidad intelectual y mediación desde la perspectiva de la Teoría Histórico-Cultural

Edeson dos Anjos Silva¹  • Rogério Drago² 
 Michell Pedruzzi Mendes Araújo³  • Claudete Beise Ulrich⁴ 

RESUMO

Este artigo analisa a autoimagem de uma estudante com deficiência intelectual, denominada ficticiamente Alice, à luz da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski. O estudo é oriundo de uma pesquisa de doutorado, que se ancora no materialismo histórico-dialético e na Teoria Histórico-Cultural, desenvolvida em uma escola pública municipal do interior do estado do Rio de Janeiro, tendo como base procedimentos como observação participante, entrevistas e análise documental. O foco da investigação recai sobre a interpretação de um autorretrato produzido por Alice, compreendido como mediação simbólica capaz de expressar aspectos subjetivos, sociais e culturais de sua experiência escolar e de sua constituição enquanto sujeito. Fundamentado nos pressupostos de Vigotski e de seus interlocutores, o estudo evidencia que o desenho, enquanto linguagem simbólica, mobiliza funções psicológicas superiores e possibilita a articulação entre desenvolvimento e aprendizagem. A análise aponta que a autoimagem de Alice não pode ser reduzida a uma expressão individual, mas deve ser compreendida como produto de mediações sociais e culturais, atravessadas por representações sobre a deficiência. Conclui-se que práticas pedagógicas mediadas e intencionais são fundamentais para promover a constituição identitária do ser humano em processo de construção de sua identidade e subjetividade, bem como o modo como se vê e se percebe no ambiente escolar (micro) e social (macro).

Palavras-chave: Deficiência intelectual; Teoria histórico-cultural; Autoimagem; Mediação simbólica; Educação inclusiva.

ABSTRACT

This article analyzes the self-image of a student with an intellectual disability given the pseudonym Alice in light of Vygotsky's historical-cultural theory. The study stems from doctoral research grounded in historical-dialectical materialism and historical-cultural theory; it was conducted at a municipal public school in the interior of Rio de Janeiro state, utilizing methods such as participant observation, interviews, and document analysis. The investigation focuses on interpreting a self-portrait created by Alice, viewing it as a form of symbolic mediation

¹ Licenciado em Ciências e Matemática, Mestre em Ciências das Religiões, Doutor em Educação e Professor da rede pública, Itaperuna/RJ – Brasil. E-mail: edeson.anjos@hotmail.com

² Doutor em Educação e Professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória/ES – Brasil. E-mail: rogerio.drago@gmail.com

³ Licenciado em Ciências Biológicas e em Pedagogia, Mestre e Doutor em Educação, Professor da Universidade Federal de Goiás (UFG) e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP/FE/ UFG), Goiânia/GO – Brasil. E-mail: michellpedruzzi@ufg.br

⁴ Doutora em Teologia e Professora da Faculdade Unida de Vitória/ES – Brasil. E-mail: claudete@fuv.edu.br

capable of expressing subjective, social, and cultural aspects of her school experience and her formation as a subject. Drawing on the premises of Vygotsky and his interlocutors, the study demonstrates that drawing, as a symbolic language, mobilizes higher psychological functions and enables the articulation between development and learning. The analysis indicates that Alice's self-image cannot be reduced to a purely individual expression; rather, it must be understood as the product of social and cultural mediations shaped by representations of disability. The study concludes that intentional, mediated pedagogical practices are essential for fostering identity formation in individuals as they construct their identities and subjectivities, as well as for shaping how they view and perceive themselves within both the school (micro) and social (macro) environments.

Keywords: *Intellectual disability; Historical-cultural theory; Self-image; Symbolic mediation; Inclusive education.*

RESUMEN

Este artículo analiza la autoimagen de una estudiante con discapacidad intelectual a quien se le asignó el seudónimo de Alice a la luz de la teoría histórico-cultural de Vygotsky. El estudio surge de una investigación doctoral fundamentada en el materialismo histórico-dialéctico y en la teoría histórico-cultural; se llevó a cabo en una escuela pública municipal del interior del estado de Río de Janeiro, empleando métodos como la observación participante, las entrevistas y el análisis documental. La investigación se centra en la interpretación de un autorretrato realizado por Alice, considerándolo una forma de mediación simbólica capaz de expresar aspectos subjetivos, sociales y culturales de su experiencia escolar y de su formación como sujeto. A partir de las premisas de Vygotsky y sus interlocutores, el estudio demuestra que el dibujo, como lenguaje simbólico, moviliza las funciones psicológicas superiores y permite articular el desarrollo y el aprendizaje. El análisis indica que la autoimagen de Alice no puede reducirse a una expresión puramente individual; por el contrario, debe entenderse como el producto de mediaciones sociales y culturales configuradas por las representaciones de la discapacidad. El estudio concluye que las prácticas pedagógicas intencionales y mediadas son esenciales para fomentar la formación de la identidad de los individuos mientras construyen sus identidades y subjetividades, así como para moldear la forma en que se ven y se perciben a sí mismos tanto en el entorno escolar (micro) como en el social (macro).

Palabras clave: *Discapacidad intelectual; Teoría histórico-cultural; Autoimagen; Mediación simbólica; Educación inclusiva.*

1. INTRODUÇÃO

Este artigo⁵ se efetiva a partir da apropriação do autorretrato feito por Alice, um entre os vários dados produzidos durante a pesquisa de doutorado intitulada "*Alice e suas experiências de aprendizagem: ensinando e aprendendo matemática com uma estudante com Deficiência Intelectual*"⁶, sob a orientação do professor Dr. Rogério Drago, defendida em março de 2024. Esta pesquisa de doutorado nos propiciou uma fonte de informações no/do cotidiano escolar de uma estudante

⁵ A participação (colaboração) dos professores pesquisadores Claudete Beise Ulrich e Michell Pedruzzi Mendes Araújo como coautores deste artigo justifica-se pela significativa contribuição acadêmica e científica que ambos ofereceram ao longo do desenvolvimento da pesquisa de doutorado. Ressalto que os referidos docentes integraram tanto a banca de qualificação quanto a banca de defesa final do doutorado que originou este estudo, desempenhando papel fundamental na análise crítica, no aprofundamento teórico e no aprimoramento metodológico do trabalho. Durante essas etapas, suas observações, questionamentos e sugestões contribuíram de forma decisiva para o refinamento das categorias analíticas, para a consistência dos argumentos apresentados e para a ampliação do diálogo com a literatura da área. Assim, suas contribuições extrapolaram o caráter avaliativo, assumindo um papel formativo e colaborativo na construção do conhecimento produzido de maneira ética e acadêmica.

⁶ Link para acesso a tese "ALICE E SUAS EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM: ENSINANDO E APRENDENDO MATEMÁTICA COM UMA ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL" - <https://repositorio.ufes.br/items/e74bb986-c110-4f41-9ed6-95f171a28f91>.

ficticiamente denominada Alice, matriculada em uma escola pública municipal de Itaperuna, no estado do Rio de Janeiro-RJ.

O *corpus* empírico, composto por diferentes registros e observações, revelou-se denso, rico e praticamente inesgotável para análise, sobretudo por nos permitir compreender as múltiplas dimensões que atravessaram e atravessam as experiências escolares de Alice, uma estudante com deficiência intelectual.

À época da investigação, 2023, Alice frequentava o sexto ano do Ensino Fundamental. A caracterização de seu quadro clínico foi acessada por meio de laudos disponibilizados pela secretaria da escola, os quais apontavam condições como microcefalia (CID 10 – Q02), deficiência intelectual leve (CID 10 – F70), disgenesia do corpo caloso, ansiedade (CID 10 – F41), atraso global do desenvolvimento, com comprometimento do desenvolvimento neuromotor. Somavam-se a essas condições a deficiência visual, caracterizada por estrabismo e palidez bilateral do nervo óptico.

A análise desse conjunto de dados não se restringiu e não se restringe à dimensão médica ou diagnóstica, mas buscaram/buscam compreender como tais condições interagem com as práticas pedagógicas e com os processos de inclusão escolar. Nossa investigação não teve e não tem como foco a limitação em si, mas a maneira pela qual a escola, seus profissionais de educação e a própria Alice constroem mediações pedagógicas e sociais que possibilitam aprendizagens, interações e desenvolvimento, na perspectiva da teoria histórico-cultural e da educação inclusiva.

Optamos por um percurso metodológico alinhado aos pressupostos de Cedro e Nascimento (2017), assim o arcabouço metodológico deste artigo ancora-se no materialismo histórico-dialético e na Teoria Histórico-Cultural de Vigotski e seus interlocutores. Sob essa lente epistemológica, a tradicional oposição entre análises qualitativas e quantitativas é superada por uma visão dialética, na qual quantidade e qualidade se integram para revelar a totalidade do objeto de estudo.

Esta escolha não se deu de forma aleatória, mas por compreendermos que investigar processos de escolarização de estudantes com deficiência intelectual, em particular de Alice, requer uma abordagem que valorize a complexidade das interações sociais, as mediações culturais e a historicidade dos sujeitos.

O *corpus* empírico foi constituído a partir de diferentes procedimentos de produção de dados, tais como: observação participante do/no cotidiano escolar, entrevistas semiestruturadas com profissionais envolvidos no processo educativo, análise documental (incluindo laudos, registros escolares e relatórios pedagógicos), além do uso de fotografias e da pesquisa bibliográfica especializada. Essa multiplicidade e variedade de instrumentos teve como propósito captar não apenas os aspectos objetivos da realidade escolar, mas também as dimensões subjetivas, simbólicas e relacionais que atravessam a experiência educativa da estudante investigada.

Salientamos que a escolha pela abordagem a partir do materialismo histórico-dialético e na Teoria Histórico-Cultural busca superar a visão reducionista que frequentemente restringe a deficiência ao campo médico ou biológico. Ao contrário, pretendemos problematizar como a escola, suas práticas pedagógicas e seus agentes constroem mediações que possibilitam o acesso ao conhecimento, a participação social e o desenvolvimento humano, ainda que em contextos de adversidade. Assim, a investigação assume caráter crítico e interpretativo, situando-se no compromisso ético, político e pedagógico de compreender a deficiência não como limitação absoluta, mas como diferença que, em

interação com a cultura e a educação, pode abrir novas possibilidades de aprendizagens e desenvolvimento.

2. TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E ALICE: UMA BREVE PROBLEMATIZAÇÃO

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores a partir da perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, fundamenta-se nos pressupostos do materialismo histórico-dialético. Entendemos que essa abordagem, ao discutir aspectos como funções psíquicas, mediação, processos de aprendizagens e desenvolvimento, bem como a distinção entre conceitos espontâneos e científicos, oferece importantes contribuições para a área educacional, especialmente no que diz respeito à compreensão dos substratos que perpassam os processos de ensino e aprendizagens.

Tais fundamentos auxiliam o(a) professor(a), no contexto escolar, a organizar práticas pedagógicas intencionais e sistematizadas, adotando diferentes referenciais teóricos e metodológicos, com vistas a favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento teórico dos (as) estudantes por meio da apropriação da cultura historicamente produzida.

Na perspectiva de Vigotski, a relação entre aprendizagem e desenvolvimento possui caráter dialético e não se limita ao espaço escolar, pois se constitui no conjunto das interações sociais mais amplas. O ser humano é concebido como um sujeito histórico, cuja formação ocorre nas relações com o meio social e cultural. Nesse processo, a mediação docente assume papel central, uma vez que, ao promover aprendizagens, contribui diretamente para o desenvolvimento do(a) estudante.

Para Vigotski, as funções psicológicas superiores têm origem social e se desenvolvem coletivamente, dependendo da mediação para sua efetivação. Dessa forma, destaca-se a relevância da escola e da prática pedagógica mediada pelo (a) professor (a), assim como das interações com o conhecimento sócio-histórico, como elementos impulsionadores do desenvolvimento de funções como percepção, memória, linguagem, pensamento, abstração, atenção e imaginação, características próprias do ser humano e constituídas por meio do uso de instrumentos culturais.

Diante do exposto, na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski, o desenho é compreendido como uma mediação simbólica, ou seja, como um instrumento cultural que possibilita ao (a) estudante, neste caso Alice, representar, reelaborar e comunicar suas experiências. Diferente de uma atividade meramente motora ou estética, o ato de desenhar envolve o uso de signos, mobilizando funções psicológicas superiores como a memória voluntária, a atenção, a imaginação e o pensamento.

O desenho, ou melhor, o autorretrato de Alice, portanto, constitui-se como uma forma de linguagem que a possibilitou organizar suas percepções e sentimentos, traduzindo-os em símbolos visuais. A esse respeito, Vigotski (2001, p. 116) nos diz que “todo signo é, antes de tudo, um meio de relação social, um meio de influência sobre os outros e de autoinfluência”. Com esta percepção, ao desenhar, Alice não apenas expressa o que já conhece, ou melhor o que já construiu socialmente e culturalmente (zona de desenvolvimento real), mas também abre possibilidades de avanço em sua zona de desenvolvimento iminente, uma vez que, com a mediação de outros sujeitos como professores (as), colegas, familiares, pode ampliar suas formas de representação e compreensão do mundo.

O desenho para Alice é um recurso fundamental para seu processo de inclusão escolar, levando em consideração sua particularidade, a deficiência intelectual, pois a permite acessar dimensões

subjetivas que nem sempre emergem pela linguagem oral ou escrita. Para além, nos revela que Alice, uma criança com deficiência, se percebe e percebe o outro, o contexto em que está inserida, sendo um potente instrumento de análise para estes professores pesquisadores e na intervenção pedagógica para os/as professores/as de sala de aula de Alice.

A análise do autorretrato produzida por Alice, durante o processo de pesquisa, evidencia a fecundidade da perspectiva da teoria histórico-cultural de Vigotski, pois nos permite compreender os processos de desenvolvimento humano em contextos educativos. O autorretrato, enquanto mediação simbólica, ultrapassa o caráter de mera atividade escolar, constituindo-se como expressão da subjetividade e revelando sentidos e significados socialmente e historicamente elaborados pela criança, neste caso, a Alice, em sua relação com o mundo.

O autorretrato de Alice não é apenas produto individual, mas um recurso simbólico que mobiliza funções psicológicas superiores, como memória voluntária, atenção dirigida, imaginação e pensamento, as quais, conforme Vigotski (1989), não se desenvolvem de modo espontâneo, mas por meio da mediação cultural e das interações sociais.

Vigotski (1997, p. 150) destaca que “o desenvolvimento do indivíduo está intrinsecamente vinculado às condições sociais em que ele vive”, evidenciando que a produção de Alice expressa mediações concretas capazes de restringir ou favorecer sua inserção no contexto educativo. Para Vigotski (2001, p. 333),

Cabe definir sempre o limiar inferior da aprendizagem. Mas a questão não termina aí, e devemos ter a capacidade para definir também o limiar superior da aprendizagem. Só nas fronteiras entre esses dois limiares a aprendizagem pode ser fecunda. Só entre eles se situa o período de excelência do ensino de uma determinada matéria. A pedagogia deve orientar-se não no ontem, mas no amanhã do desenvolvimento da criança. Só então ela conseguirá desencadear no curso da aprendizagem aqueles processos de desenvolvimento que atualmente se encontram na zona de desenvolvimento imediato.

A interpretação deste material exige considerar a distinção entre a zona de desenvolvimento real ou atual e a zona de desenvolvimento iminente. A zona de desenvolvimento real refere-se às habilidades que Alice já domina de forma autônoma, enquanto a zona de desenvolvimento iminente abarca aquilo que Alice ainda não realiza sozinha, mas pode alcançar com o auxílio de outros, por meio da interação e da orientação pedagógica (Vigotski, 1989).

Nesse sentido, o autorretrato pode ser entendido como expressão do que Alice já é capaz de produzir em seu nível de desenvolvimento real, ao mesmo tempo em que aponta possibilidades para intervenções pedagógicas que mobilizem sua zona de desenvolvimento iminente, ampliando gradativamente suas capacidades de expressão, representação e simbolização.

A atuação do (a) professor (a) como mediador dos processos de ensino e aprendizagens deve considerar a zona de desenvolvimento iminente do (a) estudante, como de Alice, entendida como o espaço das potencialidades em construção, no qual as atividades são realizadas com o apoio de outros. A intervenção pedagógica, portanto, deve possibilitar a transformação dessas potencialidades em desenvolvimento efetivo, consolidando aprendizagens já internalizadas.

Luria (1988) destaca que os processos psicológicos superiores se constituem a partir da incorporação de instrumentos culturais, o que possibilita compreender o desenho como uma forma de apropriação simbólica mediada pelo contexto escolar. Dessa forma, a produção de Alice não deve ser interpretada

de forma isolada, mas considerada em articulação com as mediações pedagógicas e sociais que contribuem para o seu desenvolvimento.

Portanto, compreender o autorretrato à luz da perspectiva da teoria histórico-cultural significa reconhecer que a deficiência não se resume a limitações biológicas, mas configura-se como campo de possibilidades mediadas pela cultura. Nesse sentido, cabe à escola oferecer condições pedagógicas que articulem a zona de desenvolvimento real de Alice com sua zona de desenvolvimento iminente, favorecendo a emergência e a consolidação de funções psicológicas superiores, condição essencial para sua inclusão escolar e social.

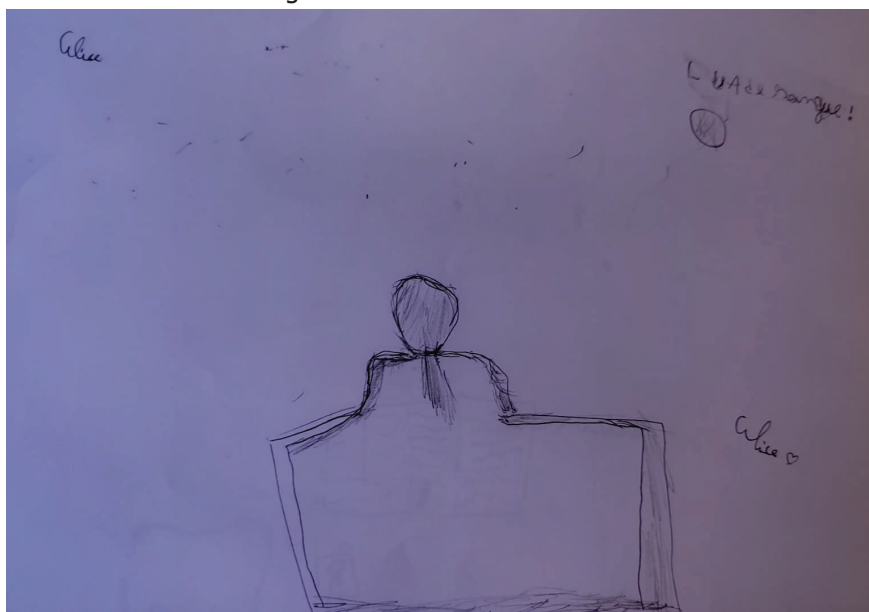
3. AUTOIMAGEM, INFÂNCIA E PRODUÇÃO SIMBÓLICA NA EXPERIÊNCIA DE ALICE

O autorretrato elaborado por Alice, (Figura 1), no qual se representa de costas, sentada em uma poltrona na varanda de sua casa, voltada para o céu em noite de lua de sangue, segundo sua própria colocação sobre a lua, constituiu-se como um dos vários materiais utilizados na elaboração da pesquisa de doutoramento e ainda constitui-se como um potente material de análise e reflexão, como deste artigo.

Durante o processo de produção de dados para a construção da tese, solicitamos a Alice que realizasse um desenho de si no ambiente escolar, o que nos causou estranhamento é que ela se desenhou na varanda de sua casa e de costas.

Ao ser questionada sobre o motivo de não se desenhar na escola, mas sim em casa, Alice afirmou que “se sentia mais bonita de costas” e que achava a lua de sangue “linda, vista da sua varanda”. Este relato dialoga diretamente com o que afirmam Reis *et al* (2019, p. 3), quando destacam que, “no caso dos sujeitos com deficiência intelectual, prevalece a representação social da incapacidade, contribuindo com a autoimagem inferiorizada, bem como limitada autonomia e participação social”.

Figura 1: Autorretrato de Alice



Fonte: desenho feito por Alice.

A atitude de Alice em não se colocar de frente, mas de costas, não pode ser interpretada de modo simplista como retraimento ou ocultação. Essa autorretratação pode ser interpretada como um gesto

estético e simbólico, pelo qual ela encontra uma forma de se afirmar e ressignificar sua própria imagem. Isso nos rememora Vigotski (1989, p.101), ao enfatizar que “o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas”. Nesta conjuntura, quando Alice cria um autorretrato alternativo, ela não apenas revela sua percepção de si, mas também produz sentidos culturais que extrapolam os limites sociais impostos à deficiência.

Na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, a infância não é um período neutro ou naturalizado, mas uma etapa de intensas mediações; neste sentido, para Vigotski (1997), a deficiência não deve ser concebida como limitação absoluta, mas como um ponto de partida que, mediante interações sociais e culturais, pode ser superado em diferentes níveis. Nesse sentido, o autorretrato de Alice pode ser lido como um espaço de mediação simbólica e de criação de uma zona de desenvolvimento iminente, pois revela sua capacidade de projetar-se para além daquilo que é, elaborando uma imagem de si própria que a coloca diante de novas possibilidades de subjetivação.

Para esclarecimentos, retomamos ao conceito de mediação simbólica, um dos conceitos centrais na Teoria Histórico-Cultural de Vigotski. Este conceito refere-se à utilização de signos, símbolos e da linguagem como instrumentos para que a criança compreenda, organize, absorva e transforme suas ações, possibilitando o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Coadunamos e defendemos que a mediação simbólica envolve interação com adultos ou colegas mais experientes, que atuam como mediadores (as) do conhecimento desenvolvido historicamente pela humanidade. Vigotski (1989, p.102) nos diz que “O aprendizado humano pressupõe uma mediação intencional por sinais e símbolos, que permitem à criança transformar sua própria atividade e desenvolver funções psicológicas superiores”.

Vigotski (1989) enfatiza, também, que a mediação simbólica ocorre quando a criança utiliza signos e linguagem para organizar e construir conhecimento, ampliando suas habilidades cognitivas e favorecendo o desenvolvimento de funções mentais superiores.

Diante destes conceitos e partir da Teoria Histórico-Cultural proposta por Vigotski e seus interlocutores, para entendermos e compreendermos o conceito de infância, dialogamos com o ponto de vista de Sônia Kramer (1999), que salienta este conceito como uma categoria social, ou seja, Kramer (1999) afirma que a criança deve ser compreendida como sujeito histórico, situado em contextos culturais, sociais e políticos que marcam suas experiências e possibilidades.

O gesto de Alice, ao escolher o espaço doméstico, a varanda, em lugar da escola, indica o modo singular como constrói sua infância, não reduzida às instituições, mas enraizada nos afetos, nos espaços de segurança e nas experiências de beleza.

Mesmo que brevemente, faz-se necessário dialogar com o conceito de infância defendido por Kramer (2007). A autora compreende infância como uma categoria social historicamente construída implicando a relevância de reconhecê-la em sua diversidade e pluralidade de experiências. Esta compreensão do conceito de infância não pode ser considerada universal ou atemporal, mas deve ser entendida como resultado de processos culturais e históricos, influenciados por fatores como classe social, gênero, etnia e condições socioeconômicas específicas de cada período e contexto. Nessa perspectiva, inclusive Alice é entendida como sujeito social ativo, que participa da produção cultural e também a transforma.

Neste movimento, Drago (2011) acrescenta que a infância é também espaço de resistência e criação. O pesquisador enfatiza que as crianças não são apenas receptores de influências sociais, mas produtoras de cultura e sentidos próprios. Nesse horizonte, Alice, ao escolher desenhar a lua de sangue e sua posição estética de costas, manifesta sua agência criadora, ela constrói sua narrativa pessoal e simbólica, articulando beleza, subjetividade e autoafirmação em um gesto que ultrapassa as barreiras da deficiência intelectual.

É necessário ressaltar que a fala de Alice, “me sinto mais bonita de costas”, expõe tensões entre sua autoimagem e as representações sociais que a atravessam. Como observamos em Vigotski (2000), a noção de compensação cultural das limitações biológicas não deve ser entendida como a supressão ou eliminação do defeito em si, mas como a possibilidade de o sujeito, a partir das interações sociais e das mediações culturais, construir novas vias para o seu desenvolvimento. Isso nos permite afirmar e reconhecer que a deficiência não anula a capacidade de aprender e de se desenvolver, mas exige que sejam criadas condições diferenciadas de acesso ao conhecimento, valorizando os potenciais e recursos do indivíduo.

No contexto de Alice, a cultura, a educação e as práticas pedagógicas inclusivas desempenham papel fundamental, pois oferecem instrumentos simbólicos, sociais e materiais que permitem à pessoa superar barreiras impostas pela condição biológica, ampliando suas formas de participação, expressão e aprendizagem. A atitude de Alice mostra que, mesmo em meio à vulnerabilidade e aos estigmas, a criança elabora formas criativas de lidar com sua imagem, conferindo novos sentidos a si mesma.

Outrossim, a análise do autorretrato nos permite articular três dimensões fundamentais:

1º) A infância como produção cultural, na qual Alice cria narrativas próprias;

2º) Na perspectiva Vigotskiana, a deficiência deve ser compreendida não como uma limitação absoluta, no caso de Alice, o processo de mediação possibilita novas formas de aprendizagens e desenvolvimento.

3º) A autoimagem e a subjetividade como campos de disputa e resistência, dialogando com conceito de infância como categoria social e histórica.

Portanto, salientamos que o autorretrato de Alice deve ser compreendido não como uma representação de ausência ou negação de si, mas como uma produção estética e simbólica de presença, na qual a infância, a deficiência e a cultura se entrelaçam, revelando a potência de sujeitos que, apesar das barreiras sociais e biológicas, encontram meios criativos de existir, resistir e se afirmar no mundo.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A análise do autorretrato de Alice, à luz da perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, nos permitiu compreender que o desenvolvimento humano, em particular de Alice, especialmente no contexto da deficiência intelectual, não pode ser reduzido a determinantes biológicos ou limitações individuais. Ao contrário, evidencia-se que as funções psicológicas superiores são constituídas nas relações sociais, por meio de processos de mediação simbólica, nos quais a escola, o (a) professor (a) e a família desempenham papel central.

O desenho produzido por Alice nos revelou um importante instrumento de expressão subjetiva e de elaboração simbólica, possibilitando acessar dimensões de sua experiência que extrapolam a linguagem verbal. Nesse sentido, a autoimagem não se apresenta como um dado fixo, mas como uma construção dinâmica, atravessada por significados sociais, culturais e afetivos.

Os resultados reforçam a necessidade de práticas pedagógicas intencionais e inclusivas, que considerem a zona de desenvolvimento iminente dos (as) estudantes e valorizem diferentes formas de expressão, como o desenho, enquanto linguagem legítima de produção de conhecimento.

Por fim, destaca-se que compreender a deficiência na Teoria Histórico-Cultural implica reconhecê-la como um campo de possibilidades, no qual, mediante mediações adequadas, é possível promover o desenvolvimento, a aprendizagem e a participação social. Assim, o estudo contribui para o debate sobre educação inclusiva, ao evidenciar a importância de olhar para o sujeito em sua totalidade, considerando suas potencialidades, experiências e modos singulares de estar no mundo.

5. REFERÊNCIAS

CEDRO, Wellington Lima; NASCIMENTO, Carolina Pichetti. Dos métodos e das metodologias em pesquisas educacionais na teoria histórico-cultural. In: MOURA, Manoel Oriosvaldo de (org). **Educação escolar e pesquisa na teoria histórico-cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2017. p. 13-45.

DRAGO, R. **Infância, cultura e educação**: perspectivas contemporâneas. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KRAMER, S. **Por entre as pedras**: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1999.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: KRAMER, S. (org.). **Educação infantil**: muitos olhares. São Paulo: Cortez, 2007.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

REIS, A. O. A. et al. **Inclusão e deficiência intelectual**: desafios da escola contemporânea. Curitiba: CRV, 2019.

SILVA, E. dos A. **Alice e suas experiências de aprendizagem**: ensinando e aprendendo matemática com uma estudante com deficiência intelectual. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, 2024.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectologia**. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**: fundamentos de defectologia. Madrid: Visor, 2000.

Submissão: 23/05/2026

Aceito: 11/07/2026